ESCOLA E SÍNDROME DE DOWN: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PROMOVEM APRENDIZAGEM E INCLUSÃO

Dalva Cristina Mendonça Pereira
Daniela de Araújo Menezes Santos
Graziela de Araújo Menezes
Tânia Maria Bispo de Góis

RESUMO

A inclusão de pessoas com necessidades especiais no sistema regular de ensino é um dos mais importantes desafios vivenciados principalmente por educadores. Por isso, este artigo tem como base a interação entre alunos com e sem Síndrome de Down, analisando também práticas pedagógicas desenvolvidas que podem evoluir tanto quanto as outras, a diferença é somente o tempo de aprendizado e os estímulos recebidos. A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam das tarefas de ensino e se envolvem como cidadãos. O objetivo deste artigo é analisar práticas pedagógicas voltadas para a construção de relações de ensino-aprendizagem, tendo como referência leis que garantem aos (PNEE) portadores de necessidades educativas especiais a inclusão, as adaptações curriculares e principalmente a igualdade para todos.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Inclusão. Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como interesse ampliar o conhecimento sobre o tema “Síndrome de Down”, com a percepção de que as disciplinas do curso de pedagogia, sem maior integração, não bastariam para cumprir o que rege a nova legislação referente à educação inclusiva, no sentido de capacitar o formando a instruir e educar portadores de necessidades especiais. A nossa preocupação é conhecer práticas de inclusão de crianças especiais. A Síndrome de Down foi descrita pela primeira vez há mais de um século. No começo do século XX, alguns médicos pensavam que a má formação do bebê com SD ocorria no início da gestação. A condição para isso seria alguma influência do ambiente durante os primeiros meses de gravidez. Outros, mais corretamente, acreditavam que aspectos genéticos eram os principais responsáveis. Muitas hipóteses foram levantadas com possíveis explicações. Todavia, faltava a maioria uma base científica sólida e hoje parecem absurdas, considerando-se o estado do conhecimento atual. (SCHWARTZMAN, 1999).

A importância de realizar esse artigo é analisar formas de inserção de portadores de Síndrome de Down (SD) no ambiente escolar e a sua repercussão na vida social dessas crianças enfocando a participação dos professores no processo de aprendizagem, como também detectando as principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais que trabalham com estas crianças. Diante disso, o estudo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem e inclusão.

O desafio deste artigo é mostrar possíveis práticas da escola que promovem aprendizagem e inclusão de pessoas com necessidades especiais no sistema regular de ensino, é um dos mais importantes desafios vivenciados, principalmente por educadores, por isso, este artigo tem como base a interação entre alunos com e sem Síndrome de Down.

Realizar ações planejadas para a promoção de relacionamentos afetivos entre família, alunos, professor e escola, tendo como referencia leis que garantem aos deficientes a inclusão, as adaptações curriculares e principalmente, a igualdade por todo o ensino das crianças deve ocorrer de forma sistemática e organizada seguindo passos previamente estabelecidos, o ensino não deve ser teórico e

metódico e sim deve ocorrer de forma agradável e que desperte interesse na criança. Normalmente o lúdico, atrai muito a criança na primeira infância, e é um recurso muito utilizado, pois permite o desenvolvimento global através da estimulação de diferentes áreas.

A educação inclusiva concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam das tarefas de ensino e se envolvem como cidadãos, nas suas diferenças. Em uma escola considerada inclusiva, não existe identificação entre os alunos especiais e os “ditos normais”. Todos se igualam pelas suas diferenças!

O estudo pauta-se na pesquisa bibliográfica que traz informações necessárias do tempo, visando estudo do ponto de vista social, acompanhado por breve explanação sobre o que vem a ser Síndrome de Down e como trabalhar no campo educacional com os portadores desta síndrome. As investigações teóricas são associadas às práticas proporcionando resultados significativos para a redação deste artigo científico, como requisito à conclusão da graduação.

SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FAZEM DIFERENÇA

A Síndrome de Down pode ser diagnosticada no nascimento pela presença de uma série de características (face com perfil achatado, orelhas pequenas e arredondadas, excesso de pele na nuca, hipotemia-tensão arterial baixa). Outras características ao nascimento podem ser observadas: peso menor do que uma criança sem SD, sonolência, dificuldade de sucção e deglutição. O diagnóstico definitivo da SD é alcançado com o estudo do cromossomo (cariótipo), correspondente à identidade genética do ser humano, através de um exame conhecido como cariograma, que torna possível o diagnóstico, mesmo no feto. (MELERO, 1999).

De acordo com Richardson (1999), a Síndrome de Down pode ser causada por três tipos de comprometimentos cromossômicos: trissomia simples, translocação e mosaicismo. Alguns fatores podem modificar a incidência da Sínrome de Down. Mulheres mais velhas apresentam riscos maiores de terem filhos com alguma deficiência, possivelmente devido ao envelhecimento dos óvulos. O mesmo não acontece com os espermatozóides, por esta razão é que não há uma relação direta entre a SD e a idade paterna avançada.

Têm características tais como: docilidade, afetividade, teimosia, entre outras. Assim como os indivíduos sem alteração cromossômica, apresentam grandes diferenças em seu desenvolvimento, comportamento e personalidade. O desenvolvimento motor da criança com Síndrome de Down mostra um atraso significativo (dificuldade de sentar, ficar em pé e andar). A linguagem é a área na qual a criança com SD demonstra em geral os maiores atrasos, ela começa a emitir as primeiras palavras por volta dos dezoito meses. (SILVA, 2002).

Conforme Richardson (1999), o portador de Síndrome de Down possui certa dificuldade de aprendizagem. Na grande maioria dos casos são dificuldades generalizadas, que afetam todas as capacidades: linguagem, autonomia, motricidade e integração social. Estas podem se manifestar em maior ou menor grau. Estas crianças não desenvolvem estratégias espontâneas e este é um fato que deve ser considerado em seu processo da aquisição da aprendizagem, já que elas possuem muitas dificuldades em resolver problemas e encontrar soluções sozinhas.

No entanto, a criança com Síndrome de Down tem possibilidades de se desenvolver e executar atividades diárias e até mesmo adquirir formação profissional. No enfoque evolutivo, a linguagem e as atividades como leitura e escrita podem ser desenvolvidas a partir das experiências da própria criança. A educação especial é uma modalidade de ensino, que visa promover o desenvolvimento global a alunos portadores de deficiências que necessitam de atendimento especializado, respeitando as diferenças individuais, de modo a lhes assegurar o pleno exercício dos direitos básicos de cidadão e efetiva integração social. (MAZZOTO, 2003). Conforme Baumel (1998), devido a pouca vocalização da criança, as mães mostram-se mais diretivas em sua comunicação com ela, fazem menos perguntas, talvez não esperando respostas, mantendo o mesmo padrão de comunicação em diferentes idades. A atenção também é um elemento de grande importância no desenvolvimento dos processos cognitivos.

Infelizmente nos tempos atuais há um significativo grau de falta de estrutura em diversas escolas, no que diz respeito ao ingresso de alunos especiais na sala de aula. É necessário que educadores em geral assumam o dever de buscar uma formação cada vez mais abrangente sobre o assunto, começando por conhecer quais são as principais dificuldades que um aluno especial enfrenta na escola. Para tanto, é preciso verificar como está sendo a educação para as crianças portadoras de Síndrome de Down e se os profissionais estão devidamente qualificados para a condução do processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, além de observar se há a devida cooperação dos pais e da sociedade nesse processo. (RICHARDSON, 1999.)

Na análise de Silva (2002), a escola é encarregada de supervisionar as crianças excepcionais e assegurá-las quanto à aprendizagem. Quanto ao fato de separar as crianças excepcionais das crianças ditas normais, esta tem por objetivo promover a educação especializada e diferenciada. No entanto, é necessária a integração destas crianças.

A criança tem a oportunidade de aprender através de experiências positivas e negativas. Ambas de grande importância para formação de sua personalidade. É importante que a criança com SD seja encaminhada para uma escola regular (ensino público ou particular) assim que adquirir certa independência. A escola tem um papel fundamental na formação e socialização da criança com SD, ela propicia tanto a aprendizagem da leitura, da escrita, da matemática, como também prepara a criança para uma vida independente. (THOMPSOM, 1993)

As escolas devem concentrar esforços para desenvolver as potencialidades e capacidades do aluno, levando em consideração os objetivos e estratégias que lhe poderão ser úteis, não importa o tipo da escola, comum ou especial. O fator mais importante é que o professor crie, em sala de aula, condições que lhe permitam um melhor convívio grupal e, para isso, pode trabalhar diferentes dinâmicas de grupo.

A partir de leituras e pesquisas, os professores terão um conhecimento mais profundo sobre as crianças com Síndrome de Down, suas habilidades e limitações. Atividades diárias como: controle dos infecteres, vestir-se e calçar-se sozinha, aprender culinária, ir ao supermercado, pegar ônibus e até mesmo adquirir formação profissional. Em geral todas as crianças com Síndrome de Down podem fazer a maioria das coisas que qualquer criança pode fazer inclusive ir a escolas “normais” e

assistir todo tipo de aulas, mas tanto os pais como professores deverão ter uma atenção maior, sempre estando prontos para ajudá-las. (SCHWARTZMAN, 1999.)

A escola é sem dúvida uma peça muito importante no conjunto que movimenta todo o sistema educacional. Desta maneira é de suma importância que o docente seja devidamente capacitado para receber este aluno que está chegando à escola dando-lhe as ferramentas necessárias para compreendê-lo e orientá-lo devidamente. (MAZZOTO, 2003).

Na escola inclusiva, o professor deve propor atividades em sala de aula que contribuam para a aprendizagem dos alunos, além de propor situações vivenciais que possibilitem esse aluno organizar o seu pensamento. As atividades feitas são iguais para todos, só existe uma pequena diferença da necessidade de adaptação dos exercícios de acordo com as necessidades de cada aluno portador da sua de Síndrome de Down.

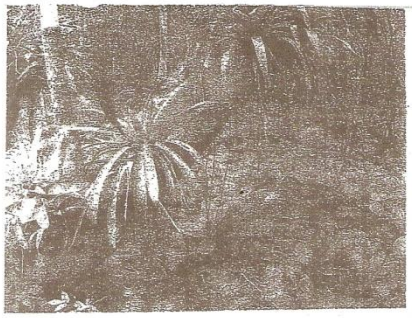
Para avaliar o desenvolvimento da expressão oral, o professor deve observar se o aluno com Down compreende determinadas mensagens, se ele é capaz de expressar suas ideias de modo coerente com o contexto em questão, mesmo quando ele é capaz de falar. Nesse caso, ele pode, por exemplo, expressar sua compreensão através de desenho, apontar o material apresentado pelo professor e ainda pode realizar movimentos corporais afirmativos ou negativos. Na avaliação da aquisição da língua escrita, diferentes atividades podem ser utilizadas com o objetivo de informar ao professor o conceito que o aluno tem sobre a escrita.

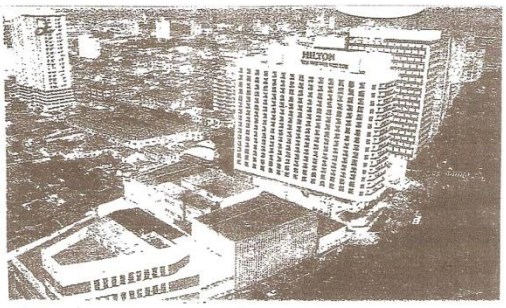
As práticas pedagógicas de leitura oral e escrita, promovida dentro das escolas do ensino regular estão sendo adaptadas as diferenças individuais. No entanto, ela requer metodologias, procedimentos pedagógicos, materiais e equipamentos adaptados. A educação da criança com SD é um fator fundamental na transformação do indivíduo, a família é a primeira integradora e, o amor, a compreensão, confiança, comunicação e estímulos que permeiam a relação, são formas de proteção utilizadas para facilitar o processo de interação e participação de indivíduos nos diferentes grupos sociais da comunidade. (SILVA, 2002).

As avaliações a seguir foram aplicadas em uma determinada escola, que diferencia as atividades pedagógicas relativas à escrita, leitura e oralidade. Apresentam particularidades para os alunos com Síndrome de Down.

ATIVIDADE 1

1º) Agora, marque um X na resposta correta observando as fotos abaixo:





- A paisagem da foto **1** pode ser considerada paisagem natural ?

  Sim ( ) **Não ( )**

- A paisagem da foto **2** pode ser considerada paisagem humanizada ?

  Sim ( ) **Não ( )**

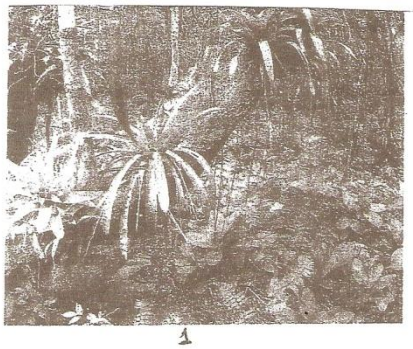
2º) Em muitos produtos que compramos, a quantidade vem escrita na embalagem. Leia visualmente as informações das embalagens, para responder as perguntas.

a) Quantos Hambúrgueres vêm nessa embalagem? Pinte o número correspondente de amarelo.

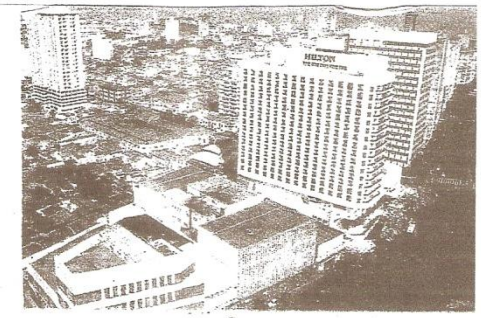
b) Qual das embalagens contém 6 unidades ? Faça um traço.

ATIVIDADE 2

1º) Agora, responda observando as fotos abaixo:



1



2

- A paisagem da foto **1** pode ser considerada paisagem natural ou humanizada ? Por quê?

_____

_____

_____

- A paisagem da foto **2** pode ser considerada paisagem natural ou humanizada ? Por quê?

_____

_____

_____

2º) Em muitos produtos que compramos, a quantidade vem escrita na embalagem. Leia as informações das embalagens, para responder às perguntas a seguir:

a) Quantos Hambúrgueres vêm nessa embalagem? _____

b) Qual das embalagens contém 6 unidades ? _____

Na atividade 1, podemos observar que não exige do aluno a habilidade da escrita, porém oportuniza ao mesmo fazer uma comparação visual da paisagem e que sua resposta seja restrita a mesma. É uma atividade para alunos que tem dificuldade de armazenar informações e consequentemente interpretá-las. Foi aplicada com alunos portadores da Síndrome de Down. A atividade 2, exige do aluno mais informações, como também habilidades de leitura visual e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos teóricos trazem contribuições importantes e permitem ao professor fundamentar suas ações. A ausência desses conhecimentos limita as mudanças restringindo também os papéis que a criança portadora de síndrome pode representar tanto na escola como na sociedade. Ter acesso aos outros profissionais, como fonoaudióloga e fisioterapeutas envolvidos no desenvolvimento desses indivíduos com certeza trazem contribuições significativas para as ações do professor em sala de aula.

O aspecto importante desse artigo é perceber a relação e o papel determinante do professor, da família e da escola. Devemos considerar as limitações dos alunos, suas dificuldades, potencialidades e quais as expectativas na escola.

É na convivência com os outros que as necessidades de qualquer ser humano se apresentam. Em razão disso, é importante questionar os critérios que tem sido utilizado para distinguir as necessidades especiais das necessidades comuns e vice-versa, em particular com contexto escolar. Sabemos que o homem se distingue de tudo o mais no mundo pela palavra e pela ação.

REFERÊNCIAS

BAUMEL, Roseli C.R. **Integrar/incluir: desafio para escola atual**. São Paulo: FEUSP, 1998.

MAZZOTO, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil**: história e política. São Paulo: Cortez, 2003.

MELERO, Miguel Lopez. **Aprendendo a conhecer as pessoas com Síndrome de Down**. São Paulo: Algibe, 1999.

RICHARDRSON, Robert. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHAWARTZAN, Jason. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.

THOMPSON, Margaret; WCINNES, Roderick; WILLIARD, Huntingoton. **Genética médica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

SILVA, Roberta Nascimento Antunes. A educação especial da criança com Síndrome de Down. **Pedagogia em foco**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http: // www.pedagogiaemfocoprobr/spdslx07.htm>Acesso em: 09 ago. 2010, 14:15:25